

RESENHA

SILVA, Sandra Siqueira da. A modernidade e a pós-modernidade. Uma leitura de Michel Maffesoli e Anthony Giddens. *RBSE* 10 (29): 372-377, ISSN 1676-8965, Agosto de 2011. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

A Modernidade e a Pós-Modernidade Uma leitura de Michel Maffesoli e Anthony Giddens

A presente resenha busca fazer uma análise do pensamento de Michel Maffesoli e Anthony Giddens, nas suas respectivas obras: *No fundo das aparências* [2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, 350 p.] e *As Conseqüências da Modernidade* [São Paulo: UNESP, 1991, 172 p.], onde os mesmos tratam de temas e assuntos pertinentes ao mundo e a sociedade moderna e pós-moderna. Para Giddens vivemos as conseqüências da era moderna e o início da era pós-moderna, no desenvolvimento da obra o autor dialoga constantemente com os clássicos da sociologia. Para Maffesoli vivemos numa sociedade pós-moderna que se baseia na aparência e futilidade, que se traduz no sentido de nossa existência. Ao fim deste trabalho, entendemos que cada autor tem um olhar peculiar em suas percepções a respeito da era moderna e pós-moderna.

Introdução

Maffesoli na obra *No fundo das aparências* dialoga com o pensamento clássico de Durkheim. Ao analisar os aspectos da vida social pós-moderna, ele faz referências e comparações com aspectos e movimentos pertinentes ao mundo da arte, literatura, música, escultura, etc. Para ele o tempo pós-moderno baseia-se na futilidade, aparência, e banalidade de tudo que integra nossa sociedade, tais características dão razão e sentido a vida cotidiana. Já Giddens, na obra *As Conseqüências da Modernidade*, não acredita que vivemos a pós-modernidade. Vivemos o fim da era moderna e absorvendo seus impactos, conseqüências e influências em nosso modo de viver, e em nossa sociedade. O pensamento de Maffesoli será desenvolvido na primeira seção, e o de Giddens na segunda seção.

No Fundo das Aparências

Nesta obra, a essência do pensamento do autor, é mostrar que o mundo e a sociedade pós-moderna estão centrados na aparência, futilidade e banalidade das coisas. Tal efemeridade dá razão e sentido à vivência cotidiana. Como exemplo, os momentos festivos não devem ser

vistos como sem valor, tais acontecimentos são dotados de um conjunto de emoções coletivas, que demonstram um irreprimível querer viver. Assim, a arte não deve ser reduzida apenas às obras culturais, mas toda a vida cotidiana é uma obra de arte. *“É, portanto, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum”* (Maffessoli, 1999:28). A partir da concepção de sentir algo em comum, o autor desenvolve outros conceitos que irão aparecer na obra em questão, como: 1) Ética da estética: prazer e o desejo se estar junto sem objetivo particular ou específico, *“experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas fazer sentido.”*(idem:163). Logo, experimentar algo junto será fator de socialização. 2) Ética: significa *“uma moral sem outra obrigação que a de unir-se, de ser membro do corpo coletivo, sem outra sanção que a de ser excluído, se cessa o interesse que me liga ao grupo”*. (Idem, 37-38). Dentro desses conceitos está à idéia do estar - junto que é uma religião mística sem objeto particular. A oposição moral versus ética seria fundamental para a compreensão do nosso tempo.

Maffessoli postula que o corpo, as roupas são meios de comunicação, e que a vida urbana é a vida das aparências, em nosso tempo está instaurado um hedonismo coletivo, o ideal do *carpe diem* em que tudo deve ser vivido e aproveitado imediatamente, a consciência do momento presente, o que ele vai chamar de barroquização do mundo social. Assim, cada vez que as sociedades privilegiam o corporeísmo, há o ressurgimento do comunitário, ou do tribal. Fazendo da moda, o desejo do reconhecimento pelo outro, a procura de apoio ou proteção social, onde todos seguem uma via em comum.

O familiarismo caracteriza muitas relações sociais contemporâneas, tal conceito engloba a idéia de viver o que é próximo. *“Daí a importância de noções tais como doméstico, cotidiano, ecologia, território, bairro, etc.”*. (Idem: 96). O que consideramos como insignificante, pode fortalecer as relações entre os indivíduos. Assim, *“está renascendo uma outra concepção do tempo que vai privilegiar o que os romanos chamavam de otium, uma espécie de férias, ou melhor, da disponibilidade social, que deseja compor o lazer, a criação, o prazer de estar junto”*. (Idem, 66). A grande diferença entre a modernidade e a pós-modernidade, baseia-se no fato de que nas sociedades mecânicas (modernidade) há a tendência da homogeneização, baseados num único valor, o que é oposto às sociedades complexas onde há múltiplos valores heterogêneos entre si. Ou seja, nas sociedades pós-modernas há a

massificação, organizam-se tribos efêmeras, que compartilham pequenos valores, que se atraem e se repelem em contornos difusos e fluidos.

O que salta de tudo isso é uma inegável mudança no modo de viver as relações sociais. Todos os pontos fortes, a partir dos quais a modernidade as concebera, indivíduo, identidade, organizações contratuais, atitude projetiva, dão lugar a uma outra realidade muito mais confusa, sensível, emocional, de contornos pouco definidos e do ambiente evanescente. (Idem: 348)

O estilo de vida é de grande importância para o autor, ele pode determinar da simples sociabilidade (rituais, vizinhanças) à sociabilidade mais complexa (imaginário social, memória coletiva), porque só compreendemos um estilo ou uma época através do que ela nos permitiu e deixou ver. Logo, o pensamento do autor, baseou-se em ressaltar os aspectos cotidianos vividos na pós-modernidade, que estão fortemente centrados no aspecto banal, efêmero e coletivo das relações sociais, ou seja, abandonamos as formas clássicas da modernidade, para retomar as formas conflituosas, exageradas e floridas do estilo barroco.

As Conseqüências da Modernidade

Para o autor, ao invés de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos vivendo as conseqüências da modernidade e o início da ordem pós-moderna. As transformações advindas com a modernidade são muito mais profundas que a maioria das mudanças dos períodos anteriores. *Modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influencia. (Giddens, 1991:11)*

O autor desenvolve um diálogo entre os clássicos da sociologia no que diz respeito ao que eles pensavam sobre a modernidade. Marx acreditava que a ordem social emergente da modernidade é a capitalista, tanto economicamente quanto suas instituições. Para Durkheim vivemos numa ordem industrial, e não capitalista; pois as transformações sociais não derivavam somente do capitalismo, mas de uma complexa divisão do trabalho. Para Weber, o que ele chamou de capitalismo racional, expressa a tecnologia e a organização das atividades humanas na forma de burocracia. Giddens acredita que *“Temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais”*. (Idem: 25)

Algumas questões transformaram-se nitidamente com a modernidade, uma delas é a noção de tempo e espaço. Antes o tempo estava conectado

com o espaço, pela presença e atividades localizadas. Na modernidade o tempo e espaço separam-se, a interação pode ocorrer na ausência, e os locais podem ser fantasmagóricos. Outra questão é o desencaixe dos sistemas sociais, que são definidos como *“Deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”*. (Idem: 29). Há dois mecanismos de desencaixe envolvidos nas instituições modernas, as fichas simbólicas (meios de circulação que não visam características específicas de indivíduos e grupos, como o dinheiro), e os sistemas peritos (confiamos na segurança de viajar de avião, ou de carro, mesmo sem saber como o mesmo foi feito, ou quem o fez). Ambos os sistemas de desencaixe removem as relações sociais vigentes.

A confiança é outro aspecto relevante ao tema da modernidade. Ela está relacionada à ausência no tempo e no espaço, pois o requisito para a confiança não é a falta de poder, mas de informações. Toda confiança pode acarretar riscos e perigos que estão ligados, mas não são sinônimos. O risco pressupõe o perigo, e o perigo ameaça os resultados desejados. *“Pode-se definir segurança como uma situação na qual um conjunto específico de perigos está neutralizado ou minimizado. A experiência de segurança baseia-se num equilíbrio de confiança e risco aceitável. (Idem: 43)”*. Ao tratar da pós-modernidade, Giddens a acredita que tal termo seja mais apropriado à literatura e as artes. Pois, considerar a pós-modernidade como transição a modernidade é dar coerência a história e nos situar nela. Para ele *“não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas. (Idem: 58)”*.

Prosseguindo com a análise das conseqüências da modernidade nos sistemas abstratos e na transformação da intimidade, observa-se que a vida privada é desinstitucionalizada e a vida pública é institucionalizada. Logo a vida privada é vista como subjetiva e a estabilidade da mesma é buscada no eu interior. A modernidade influenciou até mesmo a natureza da amizade, em que antes o oposto de amigo era o inimigo, hoje é o colega ou o conhecido, até mesmo a sinceridade foi substituída pela autenticidade. Assim, a transformação da intimidade envolve uma preocupação com a auto-satisfação não de forma narcisista, mas apropriando-se das influências globalizadas que envolvem a vida cotidiana.

O mundo contemporâneo é cheio de ameaças e riscos específicos à modernidade: o risco de uma guerra nuclear, mudanças na divisão global do trabalho, etc. Por exemplo, mesmo se todas as armas nucleares forem

destruídas não estaríamos a salvo de uma guerra, pois o conhecimento técnico adquirido na fabricação das armas ainda existirá, e todo o estoque poderá ser refeito. O diálogo com os clássicos é retomado para a construção de duas imagens de como é viver na modernidade. Para Weber o mundo moderno possui uma racionalidade que nos aprisiona em uma gaiola de rotina burocrática. Para Marx a modernidade seria um monstro e seu impacto seria destruidor e irreversível. Ambas as imagens são substituídas pelo carro de jagrená, uma máquina em movimento de grande potência que guiamos até um ponto e pode escapar do nosso controle.

O carro de jagrená esmaga os que lhe resistem, e embora ele às vezes pareça ter um rumo determinado, há momentos em que ele guina erraticamente para direções que não podemos prever. A viagem não é desagradável ou sem recompensas, ela pode ser estimulante e dotada de esperanças antecipação. (Idem: 140)

Mas, nunca controlaremos a viagem até onde durarem as instituições da modernidade. Nunca nos sentiremos seguros porque na viagem encontraremos riscos de altas conseqüências. *“Confiança e risco, oportunidade e perigo – estas características polares, paradoxais, da modernidade permitem todos os aspectos da vida cotidiana, mais uma vez refletindo uma extrapolação extraordinária do local e do global. (Idem: 148)”*.

Para o autor, um dos traços inerentes à modernidade é a descoberta de que o desenvolvimento do conhecimento empírico não nos permite decidir entre diferentes posições de valor. Ele propõe uma teoria crítica no fim do século XX, que será sensível sociologicamente às transformações da modernidade, geopoliticamente tática, devem criar modelos da sociedade boa, e políticas de auto-realização. Vivemos num período de alta modernidade e identificamos os contornos de uma ordem pós-moderna. O sistema pós-moderno é complexo, sendo percebido como um movimento para além da modernidade. Por fim, o autor conclui que estamos sujeitos a riscos e catástrofes, e que mesmo podendo ocorrer tais eventos, nenhuma força providencial irá intervir para salvar-nos. Ou seja, *“O apocalipse tornou-se corriqueiro, de tão familiar que é como um contrafactual da vida cotidiana, e, como todos os parâmetros de risco, ele pode tornar-se real. (Idem: 172)”*.

Mesmo Maffesoli de um lado, defendendo a era pós-moderna e Giddens, de outro acreditando na vigência da modernidade. Ambos deixam claro, em suas obras os impactos e transformações que ocorreram nas relações, estruturas e instituições de nossas sociedades. Cada autor tem um olhar peculiar em suas percepções a respeito da era moderna ou

pós-moderna. Mas a conclusão a que chegam é unânime, de que este novo tempo em que vivemos transformou e continua a transformar significativamente as antigas estruturas.

Sandra Siqueira da Silva

